



# MÃE, POR QUE CHOVE?

Obra: Mãe, por que chove?  
Autor: João José da Costa

Conto infanto-juvenil que se integra à fantasia natural e criatividade das crianças e dos jovens, divertindo, educando e somando para o desenvolvimento do caráter, valores morais, cidadania, consciência ecológica, valores de família, cultura, conhecimento, espiritualidade, respeito aos educadores, incentivo ao estudo, ordem e disciplina. Livro destinado a crianças e jovens que apreciam leituras inteligentes, sensíveis, culturais, educativas e temas da realidade social brasileira.

**CONTO COM MAIOR CONTEÚDO LITERÁRIO, UM MELHOR EXERCÍCIO DE LEITURA.**

*Sinopse:*

*O livro conta a história de uma nuvem, desde sua formação como um pequeno chumaço de algodão, até o tamanho e acúmulo de vapor de água que favorece a precipitação da chuva. Explica, de forma simples e objetiva, o fenômeno da formação das nuvens, o processo de evaporação e condensação da água, da chuva, fenômenos meteorológicos. Para maior interesse dos leitores infantis, a nuvem foi chamada de nuvem-mãe e seus filhos de pingos de chuva. Na volta ao céu, os pingos de chuva relataram onde caíram e o que viram na terra, com ensinamentos sobre os efeitos da chuva para os seres humanos, animais e plantas, preservação do meio ambiente e conhecimentos sobre a importância da preservação dos recursos hídricos. É um conto com um caráter educativo e desenvolvimento de conhecimentos, ao mesmo tempo em que envolve e encanta aos leitores.*

João José da Costa

Direitos autorais assegurados e registrados junto à Fundação Biblioteca Nacional - FBN. Título original de registro: A Nuvem e os Pingos de Chuva.

## Dedicatória

Dedico este trabalho a todos que reservam parte de suas vidas para educar, de alguma forma, as crianças, com a missão e a crença de que nelas está a esperança de um mundo melhor.

Em especial, aos pais, professores e avós, triângulo básico da educação infantil.

Agradeço a Deus pela criança que Ele, ainda, permite existir em mim.

João José da Costa

Era uma bonita manhã de sol de verão.

O céu estava limpo e o sol muito quente, fazendo muito calor.

Mas, ao longe, apareceu uma nuvem no céu azul.

Era uma nuvem pequena e branca, como um chumaço de algodão.

Aos poucos, a nuvem foi ficando maior e tinha uma cor cinza claro.

Com o passar das horas, a nuvem aumentava cada vez de tamanho, ficando muito grande e passou a ter uma cor cinza escuro. Ela parecia um pouco ameaçadora.

E, lentamente, ela foi se movimentando no céu até encobrir a luz do sol.

O ar começou a esfriar. O calor diminuiu.

A nuvem era como se fosse uma mãe de milhares de gotas de chuva em forma de vapor. E chegara a hora dela deixar partir seus filhos, os pingos de chuva.

Mas, os pingos de chuva não queriam cair. Eles se sentiam bem assim, abrigados pela nuvem-mãe e vivendo lá no alto do céu.

Então, os pingos de chuva perguntavam para a nuvem-mãe:

- Mas, mãe! Por que precisamos cair? Não podemos ficar aqui ao seu lado? É tão bonito ver os vales, as montanhas, o mar daqui de cima!

E, pacientemente, a nuvem-mãe respondeu:

- Eu nada posso fazer. Eu não posso mais ficar com vocês! Estou muito carregada com tantas gotas de água em forma de vapor! Além do mais, o ar está muito frio e ele fará com que todos

vocês sejam condensados e se transformem em pingos de água. Vocês terão que partir.

- Condensados? O que isto quer dizer, mãe? Perguntaram os pingos de chuva.

A nuvem-mãe esclareceu:

- É o processo de condensação. Significa que vocês deixarão de ser vapor de água para se transformarem em pingos de chuva. Isto acontece em razão do resfriamento do vapor de água, que o transforma em estado líquido.

E os inconformados pingos de chuva insistiam:

- Mas, mãe, onde cairemos e o que será feito de todos nós?

A nuvem-mãe respondeu:

- Lá em baixo muitas pessoas, plantas e animais estão esperando por vocês. Sem vocês, todos estes seres vivos não conseguiriam sobreviver!

- Como assim? Insistiram os pingos de chuva.

E a nuvem-mãe justificou:

- Os seres humanos precisam de sua água para beber, tomar banho, lavar a casa, as roupas, as louças e panelas, além de muitas outras coisas. Elas usam muita água! As plantas precisam que a água penetre na terra para que ela molhe suas raízes. Caso contrário, secariam ao calor do sol. E os animais precisam da água para beber e se lavarem. Os peixes dos rios e dos mares morreriam sem água!

Vendo que não tinham alternativas, os pingos de chuva perguntaram:

.

- Mas, mãe! Como a senhora ficará sem nós, suas gotas de água? Não vai sentir nossa falta?

E, resignada, a nuvem-mãe respondeu:

- Eu tenho que seguir minha missão na natureza. Eu, simplesmente, desaparecerei no céu!

Os pingos de chuva ficaram tristes e hesitaram em deixar a nuvem-mãe por uns instantes. Mas, sua nuvem-mãe os consolou dizendo:

- Vocês têm uma importante missão a cumprir! E, um dia, nós voltaremos a nos encontrar! E, quando isto acontecer, eu serei uma pequena nuvem branca, como um chumaço de algodão. Depois serei uma nuvem um pouco maior, na cor cinza claro. E, em seguida, voltarei a ser uma enorme nuvem na cor cinza escuro! E tudo recomeçará. Tem sido assim há milhares de séculos!

E os pingos de chuva perguntaram:

- Mas, como vamos nos encontrar novamente, mãe?

E a nuvem-mãe explicou:

- É o processo de evaporação. Um dia fará sol forte, vocês se aquecerão ao sol, se transformarão em vapor e subirão ao céu. Assim, juntos novamente, formaremos uma grande nuvem e tudo recomeçará!

E, de repente, um barulho de trovão anunciava que era chegada a hora de todos os pingos de chuva começarem a cair!

E, naquela tarde, choveu muito.

O vento levava a nuvem-mãe para muitos lugares da terra, molhando tudo por onde passava como um gigantesco regador.

Os pingos de chuva estavam, agora, cada um por si.

Enquanto caíam, eles olhavam para baixo e imaginavam em que lugar da terra eles acabariam caindo.

Quando olhavam para cima, eles viam que, aos poucos, sua nuvem-mãe ficava cada vez menor, até que ela desapareceu por completo quando a chuva parou.

Os pingos de chuva estavam, agora, por conta da sorte e do destino!

O tempo passou...

E, como sua nuvem-mãe havia previsto, os pingos de chuva voltaram a se encontrar em muitos grupos, que aumentavam a cada dia. O calor forte do sol os tinha evaporado, ou seja, os transformado em vapor de água e eles subiam ao céu.

No começo, os pingos de chuva, no estado de vapor, formaram uma pequena nuvem como um chumaço branco de algodão.

Com a chegada de muitos outros, formaram uma nuvem maior, na cor cinza claro.

Passados mais alguns dias, outros pingos de chuva vaporizados se uniram e se reencontraram. A nuvem-mãe começava, novamente, a ser transformar em uma nuvem muito grande, na cor cinza escuro.

E a nuvem-mãe quis saber de todos como foi a viagem à terra e o que os pingos de chuva viram e fizeram. Ela queria saber como todos cumpriram sua importante missão.

Então, ela ouviu os seguintes relatos dos pingos de chuva, que falavam todos ao mesmo tempo deixando a nuvem-mãe um pouco atordoada:

- Nós caímos em uma linda mata, refrescamos todas as plantas e animais, penetramos na terra e formamos lindas fontes de água.

- Depois, tomamos o rumo de riachos e rios, até chegarmos ao mar!
- Nós caímos em várias plantações que estavam sentindo a falta de água. Molhamos campos de plantações dos homens. As plantas pareciam alegres e agradecidas.
- Depois, desaparecemos na terra molhada e ficamos presos em um grande poço de água debaixo da terra. E só conseguimos sair de lá quando os seres humanos furaram poços que eles chamam de poços artesianos.
- Mas, muitos pingos de água continuaram lá no poço debaixo da terra!
- Nós caímos em campos abertos, regamos toda a vegetação, corremos para os rios e ficamos presos em uma grande represa.
- Soubemos que esta represa fornece água para uso dos seres humanos!
- Nós caímos sobre uma grande cidade. Mas, infelizmente, trouxemos muitos problemas para os seres humanos. Não encontramos mata ou terra para penetrar.
- Acabamos provocando enchentes que invadiram casas, empresas, parques e vários locais usados pelos seres humanos.
- Causamos muitos transtornos e prejuízos. Mas, mãe, não foi nossa culpa. Estava tudo asfaltado e calçado! Havia muito poucas plantas e terras livres. Não foi possível penetrar na terra e nos acumulamos em uma enchente!
- É verdade! Conosco aconteceu quase a mesma coisa. Nós caímos concentrados em uma área e fizemos com que os rios transbordassem.

.



- Eu fiquei sabendo que, antigamente, as margens dos rios eram livres e tinham muitas árvores. Assim, quando os rios transbordavam, eles enchiam os terrenos vazios com o excesso de água das chuvas, não causando prejuízos para ninguém.
- Mas, agora, mãe, os seres humanos fizeram casas às margens dos rios, ocupando os terrenos que antes serviam para as vazões dos rios.
- Nós sentimos muito pelos seres humanos, mas, também, não tivemos culpa!
- De nossa parte, mãe, nós caímos no mar! Achamos estranho chover no mar com tantas terras secas! Mas, o vento nos levou para lá!
- Não conseguimos ser muito úteis caindo no mar. Mas, as forças da natureza é que nos comandam!
- E nós, mãe, ficamos muito tristes de não poder cair em lugares onde não chovia há muitos meses. Estava tudo seco e só se via poeira por todos os lados.
- As plantas estavam secas, o gado e outros animais dos seres humanos morriam de fome e de sede. Acabamos caindo em uma imensa floresta, onde encontramos muitas outras nuvens.
- Nesta imensa floresta chove quase todos os dias. Dizem que é por causa da abundância de árvores da floresta e que estas árvores ajudam a formar e manter as chuvas.
- Mas, se dependesse de nós, nós teríamos regado o sertão seco que encontramos e levado alívio para os seres humanos e animais que moram lá!
- Os homens não deveriam cortar árvores, não é mesmo mãe?  
.

- É verdade, mãe! Os seres humanos deveriam, também, plantar árvores em todos os cantinhos da terra!
  
- Nós caímos em um imenso deserto. Lá somente vivem cactos e algumas poucas plantas que aprenderam a viver com muito pouca água.
  
- O deserto é tão seco e quente, mãe! Logo que caímos nós desaparecemos na areia seca e quente e viramos vapor de água logo em seguida e subimos ao céu como se fôssemos pequenos fantasmas!
  
- Mas, algo aconteceu alguns dias depois naquele deserto, mãe. Os cactos e as plantas que lá vivem se encheram de vida e de flores, aproveitando ao máximo a água que oferecemos naquela tarde.
  
- Foi um espetáculo muito bonito. Contaram-me que estas plantas armazenam água em seus troncos e raízes, esperando pela próxima chuva, que demorará muito tempo para voltar a cair no deserto.
  
- Nós caímos no lugar certo e no momento certo! Um grande incêndio estava destruindo toda a vegetação de um grande parque natural. As chamas assustavam muitos animais que corriam para se salvar. Quando caímos o incêndio se apagou. Nós ficamos muito contentes. O chão estava tão quente e com muitas brasas das árvores destruídas que, tão logo caímos, nos transformamos em vapor de água e retornamos para o céu!
  
- Nós caímos no alto das montanhas, regando as plantas e dando de beber aos animais que vivem lá. Depois, seguimos por pequenos riachos, que formaram rios, que formaram grandes e bonitas cachoeiras, mãe.
  
- Foi muito divertido cair no alto das montanhas e rolar terra abaixo em alta velocidade. Parecia uma montanha russa dos seres humanos.

- Mãe, o mesmo aconteceu conosco. Mas, algumas partes da montanha não aguentaram o peso da água e desmoronaram. Tudo ia bem, até que, em certo ponto da montanha, tinha casas construídas pelos seres humanos em locais perigosos.
- E, infelizmente, muitas casas ruíram sob o peso da terra e das árvores que caíram. Soubemos que houve até seres humanos que morreram. Ficamos muito tristes.
- Os seres humanos não deveriam construir suas casas nas encostas das montanhas onde podem ocorrer desmoronamentos, não é mãe?
- Com a gente, mãe, aconteceu uma coisa muito estranha. Nós começamos a cair. Mas, de repente, atravessamos um ar muito gelado e com baixas temperaturas.
- E, ao invés de cairmos como pingos de chuva, caímos como flocos de algodão gelado. Os seres humanos nos chamaram de neve!
- E, em alguns lugares, caímos até como pedras de gelo. Viramos pedras de gelo, algumas muito grandes e pesadas! Os seres humanos nos chamaram de granizo!
- Os seres humanos acharam a neve muito bonita. E fizeram até bonecos com a gente! Mas, o granizo, mãe, fez grandes estragos nas plantações e nos telhados das casas dos seres humanos.
- Eles ficaram muito aborrecidos com a gente! Mas, foi toda culpa do vento gelado que nos obrigou a passar por ele!
- Pior foi com a gente, mãe! Assim que começamos a cair, começou uma luta entre o ar quente com o ar frio.
- E esta luta fez com que se formasse um poderoso vento. O vento formou um gigantesco redemoinho que nos envolveu. O

redemoinho provocou um funil, que arrasou tudo que encontrava pela frente, até casas dos seres humanos.

- Tudo voava pelos ares. Foi muito assustador! Houve muito prejuízo por toda a parte onde o furacão passou. Nós queríamos nos libertar deste redemoinho, mas não conseguimos!

- E os seres humanos nos chamaram por nomes estranhos como furação, tornado!

- Conosco aconteceu algo parecido. Nós estávamos caindo em muita quantidade. O vento muito forte nos empurrou com violência e provocou uma chuva muito forte, que inundou os locais onde caímos e derrubou árvores, postes, casas e muitas outras coisas.

- Nós queríamos ter tido a sorte de meus irmãos e cair nos jardins, nas matas, no deserto, nas plantações dos seres humanos de forma tranquila. Mas, nosso destino foi formar uma chuva tão forte e destruidora. Que pena!

- E os seres humanos nos deram o nome de tempestade!

- Mãe! Nós não conseguimos subir muito alto depois que o sol nos vaporizou e ficamos próximas do chão, em uma nuvem muito branca. E os seres humanos nos chamaram de neblina!

- Quanto a nós, mãe, nós estávamos subindo ao céu em forma de vapor, quando houve uma diminuição brusca de temperatura e fomos condensados novamente em pingos de chuva bem pequeninos e recebemos um nome bonito dos seres humanos - orvalho!

- Não chegamos a molhar a terra, mas refrescamos as folhas das plantas!

- Em uma localidade, mãe, o frio estava tão forte, tão forte, que o orvalho que formamos congelou-se e cobriu os campos e as

plantas com uma fina camada de gelo. Infelizmente, muitas plantas foram destruídas pelo excesso de frio. Os seres humanos nos chamaram de geada!

- Mãe, quando estávamos caindo, nós vimos algumas nuvens baixas e de pouca espessura que deixavam cair pingos de água muito pequenos, muito menores do que nós. Eles eram tão leves que caíam lentamente.

- Os seres humanos, mãe, chamaram estes nossos pequenos amigos de garoa e não de chuva!

A nuvem-mãe ouvia os relatos de seus filhos, os pingos de chuva, atentamente, mas sem mostrar-se surpresa. Ela já ouvira estes relatos muitas outras vezes...

- Mãe, nós tivemos a maior sorte de todos! E vimos algo maravilhoso, mãe! Enquanto nós caíamos em uma parte da terra, na outra parte brilhava um sol forte. Sol e chuva, ao mesmo tempo!

- E a senhora sabe o que aconteceu? O céu ficou tão contente que um lindo arco colorido se formou e encantava todos que o viam!

- Soubemos que os seres humanos chama isto de arco-íris! Mãe, a senhora já viu um arco-íris?

Sorrindo, a nuvem-mãe respondeu:

- Sim, meus queridos pingos de chuva. Já vi muitos!

E, finalmente, a nuvem-mãe ouviu o último relato dos pingos de chuva. E, uma vez mais, ficou muito preocupada. Este relato está se repetindo e aumentando a cada ano:

- Mãe, nós tivemos a pior sorte, ou o maior azar! Todos nós estávamos caindo alegres e felizes, esperando regar plantas e matas,

oferecer água para os seres humanos e animais beberem, formar cachoeiras, lagos e fontes, refrescar as plantas do deserto ou saciar a sede dos animais do sertão.

- Mas, não foi isto o que aconteceu! Caímos em um lugar cheio de lixo, ficamos todos sujos!

- Em seguida, fomos levados para um córrego muito sujo e fedido.

- A água estava tão suja e poluída que não dava para ver o fundo do rio onde fomos parar!

- Não vimos peixe, sapos, nenhum sinal de vida. O rio estava morto!

Muito triste ao ouvir estes relatos, a nuvem-mãe disse:

- Infelizmente, meus queridos pingos de chuva, muitos seres humanos não estão sabendo dar o devido valor à água pura e cristalina que oferecemos ao chover. Eles espalham seus lixos e seus esgotos, poluindo rios, lagos e mares. Assim, vocês ficam contaminados, também. Mas, a Natureza é tão sábia que, ao se evaporarem, vocês deixam para trás toda esta poluição e sobem ao céu, limpinhos. E, a cada chuva, a Natureza oferece aos seres humanos uma nova oportunidade de dar o devido valor à água!

A nuvem-mãe calou-se triste.

Os dias se passaram.

A nuvem-mãe voltou a ficar muito carregada com tantas gotas de água! Além do mais, o ar estava ficando muito frio e ele fará com que toda a água no estado de vapor seja condensada e se transformem em pingos de água.

Os pingos de chuva terão, novamente, que partir.

.

E, de repente, um barulho de trovão anunciava que era chegada a hora de todos os pingos de chuva começar a cair.

E, naquela tarde, choveu muito.

O vento levava a nuvem-mãe para muitos lugares da terra, molhando tudo por onde passava como um gigantesco regador.

Mas, desta vez, o vento levou a nuvem-mãe para o sertão e choveu muito.

Parece que Deus ouviu as preces dos sertanejos que pediam chuva para molhar o sertão tão castigado por uma prolongada seca.

Assim, quando a nuvem começava a se afastar do sertão, um vento muito forte fez com que nuvem tomasse o rumo do sertão.

E, naquela tarde, choveu muito em todo o sertão. Os pássaros se banhavam nos pingos de chuva, as plantas eram regadas, o gado e todos os outros animais se refrescavam.

Os sertanejos aproveitaram para encher seus reservatórios de água chamados cacimbas. Agora cheias, eles terão água por muitos meses.

A terra seca ficou molhada, as plantas renasceram, os pastos se transformaram em um tapete verde com muito capim e grama.

E o gado, as cabras e outros animais puderam comer muito, deixando a magreza e a miséria para trás. A esperança havia voltado ao sofrido povo que mora no sertão.

Lá do alto, a nuvem-mãe estava muito feliz e podia ver a alegria com que seus pingos de água caíam na terra seca do sertão, levando a salvação para tantas plantas e animais e um grande alívio para o bravo sertanejo...

**FIM**

Obra: Mãe, por que chove?  
Autor: João José da Costa



**SE VOCÊ GOSTOU DE NOSSO TRABALHO E  
CONSIDEROU QUE NOSSA PROPOSTA TEM  
MÉRITO, DIVULGUE O SITE ABAIXO PARA  
OS CONTATOS EM SUA REDE SOCIAL:**

**[www.literaturaeducativa.com.br](http://www.literaturaeducativa.com.br)**